

A cultura popular e a quadrilhas juninas

Eliseu Ramos dos Santos

Ao falar sobre quadrilhas, estamos nos inserindo no “universo” da cultura popular. Tendo isso em mente, devemos adotar uma abordagem teórico-metodológica propícia para tal. O autor Néstor Canclini discute em sua obra o que se desenrola no cerne da cultura popular e de que forma podemos percebê-la alheia à distorção realizada por diversos agentes sociais. Para situarmos a quadrilha enquanto pertencente ao seio da cultura popular devemos primeiramente nos debruçar sobre as implicações desta última.

Em seu livro *Culturas Híbridas*, Canclini esboça sua preocupação com o desvirtuamento do conceito de cultura popular pelos setores hegemônicos. Isso nos levou a pensar estrategicamente em dedicar nossos esforços para desmembrar esse termo (cultura popular) e explicá-lo separadamente seguindo o raciocínio do autor, para aí então discuti-lo em sua totalidade.

Ao falar sobre o significado de “cultura”, entramos numa longa discussão que reverbera na academia desde séculos atrás. Inúmeros conceitos foram criados, muitos deixaram de ser usados e outros ainda são debatidos pelos teóricos. No ensaio *Culturas populares do Capitalismo*, Canclini critica uma das principais correntes em relação ao tema, aquela que vê a cultura simplesmente como oposição à natureza, mergulhando o termo em abrangência e confusão. Desenvolvamos. Segundo o autor, esse modo de pensar a cultura atrai dois impasses que impossibilitam sua precisão epistemológica e seu uso científico: primeiro porque ele não teve a capacidade de pensar as disparidades existentes entre as culturas, ainda que tenha conseguido uma equiparação de todas elas. Além disso, “este enfoque engloba, sob o nome de cultura, todas as instâncias e modelos de comportamento de uma formação social sem uma hierarquização que leve em consideração o peso de cada uma, dessa forma, a noção de cultura se transforma no sinônimo idealista do conceito de formação social” (Canclini, 1982, p. 28).

Tendo essa crítica como base, Canclini define o uso do termo cultura para

A produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (Canclini, 1982, p. 29).

Com isso, o autor procura se afastar do viés metodológico que tenta identificar o cultural com o ideal, ou ainda o material com o social. Aliás, Canclini repudia a idéia de analisar algum desses níveis isoladamente, já que para ele não existe produção de sentido que esteja alheia a estruturas materiais.

No quinto capítulo do livro *Culturas Híbridas*, Néstor Canclini destaca sua concepção sobre o “popular”. Ele afirma que o popular corresponde ao excluído, ou seja, “aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado”. Nesse quadro, o popular é comumente associado ao atraso, que não tem seu lugar nas sociedades modernas por radicar-se nas amarras tradicionais. Ora, com a ajuda de Canclini, vamos perceber que as festas ditas “populares” adotaram estratégias de sobrevivência na modernidade, inclusive utilizando-se dela para se fortalecer. Não temos aqui a ingenuidade de afirmar que as festas e práticas tradicionais continuaram intactas mesmo depois do processo de modernização da sociedade, o que houve foi uma adaptação, e como toda adaptação algumas características desapareceram e outras surgiram, isso faz parte do incrível caminho traçado pelas culturas populares no capitalismo. Mas voltemos ao assunto. Seguindo as observações de Canclini, o popular é frequentemente associado ao pré-moderno e a um teor subalterno, mas devemos percebê-lo mais como algo construído, e não como preexistente. Para encararmos-lo dessa forma precisamos desfazer as operações científicas e políticas que levaram o popular a cena analisando o que seriam os três protagonistas clássicos dessa teatralização do popular: o folclore, as indústrias culturais e o populismo político (Canclini, 2006, p. 207).

Para embasar sua crítica a esse quadro vigente, Canclini irá refutar a visão teórica clássica dos folcloristas em relação à cultura popular. Para

contextualizar essa crítica no âmbito das quadrilhas juninas, vamos cruzar os argumentos desse autor a exemplos que citaremos a cada refutação desenvolvida por ele:

- a) O desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais.

Para Canclini, ao contrário do que pensavam os folcloristas, as culturas populares ao invés de percorrerem o caminho do esquecimento, encontraram na modernidade um meio de “desenvolver transformando-se”. Durante toda nossa pesquisa sobre as quadrilhas, fizemos questão de enfatizar o caráter metamórfico dessa manifestação, impulsionado tanto pelos agentes populares, quanto pelo contexto moderno. Os trajes, a dança, a música, grande parte do aparato estético-coreográfico foi (e continua sendo) reconfigurado conforme necessário para moldar-se com as exigências dos meios de comunicação e dos órgãos estatais. Essas mudanças possibilitaram as quadrilhas se manterem ativas e em evidência até a atualidade, apesar dos conflitos gerados internamente devido as constantes interferências promovidas por esses setores hegemônicos, fato este que discutiremos mais adiante.

- b) As culturas camponesas e tradicionais já não representam a parte majoritária da cultura popular.

Com essa afirmação, o autor mostra que os maiores “consumidores” da cultura popular hoje em dia são as populações urbanas e que ela (a cultura popular) possui uma maior ligação com a vida urbana em comparação com o ambiente rural. Isso é uma questão de lógica, pois além dos intensos fluxos migratórios do campo para a cidade e conseqüentemente o meio urbano possuir um maior numero de habitantes, as redes de troca e de sociabilidades que se tecem na cidade proporciona as culturas populares um campo de atuação mais efervescente, logo, o folclore deixa de possuir um caráter fechado e se integra tanto com os meios de comunicação de massa como também com o sistema simbólico cosmopolita. Entrando em convergência com essa proposição, analisamos as quadrilhas em sua situação atual como um fenômeno propriamente urbano onde os agentes

populares participantes estão totalmente inseridos na modernidade e onde, obviamente, suas relações internas são orientadas pelo *ethos* urbano. Sem mencionar a influência midiática e estatal nos concursos e apresentações e a inclusão dos quadrilheiros e quadrilhas nas mídias sociais e websites com a finalidade de divulgação de seus respectivos grupos. Esses são apenas alguns aspectos que contribuem para nossa percepção dessa manifestação cultural enquanto parte integrante de uma cultura popular urbana.

c) O popular não se concentra nos objetos.

Canclini quer dizer que não podemos permitir que o popular seja taxado apenas por patrimônios de bens estáveis e fossilizados. Ele (o popular) é dinâmico e polissêmico, portanto, a visão de que a cultura popular tradicional é “uma coleção de objetos ou de costumes objetivados” é equivocada, pois, devemos pensá-la como “um mecanismo de seleção, e mesmo de invenção, projetado em direção ao passado para legitimar o presente.” Dessa forma, a preocupação maior das pesquisas sócio e antropológicas sobre a cultura remete-se as condições econômicas de produção e consumo, além dos comportamentos, processos comunicacionais, interações e rituais. De fato, em nossa pesquisa, ao invés de tentarmos catalogar aspectos estáticos do objeto de estudo, nos concentramos em perscrutar a dinâmica das quadrilhas, assim como o repertório simbólico, gestual e lingüístico dos quadrilheiros. Isto no intuito de compreender como se eles relacionam e interagem tanto no cotidiano, quanto em seus rituais de cunho religioso (orações antes e depois de ensaios e apresentações) e lúdico (premiações, comemoração, etc.).

d) O popular não é monopólio dos setores populares.

A partir desse pressuposto o autor busca mostrar que, após começarmos a entender o popular como “práticas sociais e processos comunicativos, mais que como um amontoado de objetos”, ele conseqüentemente passar a ser desvencilhado de seu aspecto cristalizado e abre as portas para que visualizemos as inevitáveis interferências de diversos grupos sociais em manifestações culturais. Além disso, os folcloristas acertadamente percebem que na modernidade – com todo o ‘balé identitário’ que nos deparamos no

mundo hodierno – uma mesma pessoa pode flutuar por vários grupos folclóricos sem que isso o coloque numa situação de anomia social. A questão principal é pensar o *folk* como um “fenômeno” que está à mercê da hibridização provocada pela influência tanto dos agentes populares quanto dos meios de comunicação de massa, das instituições governamentais e também da iniciativa privada. No universo dos quadrilheiros esse pressuposto é mais que evidente quando pensamos quão ativos eles são em outras esferas sócio-culturais, muitos participam de outros grupos de dança, capoeira, etc. (muitas vezes a própria quadrilha oferece essa opção à ‘comunidade’). Dessa forma, a quadrilha (sem considerar o grau de importância que cada agente atribui a ela) é mais uma peça a se encaixar no quebra-cabeça do engajamento cultural dos quadrilheiros.

- e) O popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as contradições.

Com essa premissa um tanto confusa numa primeira leitura, Canclini afirma que não há uma preocupação por parte do popular em reproduzir e reforçar a ordem tradicional da sociedade, pelo contrário, muitas vezes o popular realiza inversões, paródias e através de um tom jocoso se relaciona de um modo mais aberto com a hierarquização e com os parâmetros estabelecidos. Mas devemos ter cuidado para não cair na armadilha de pensar que por isso essa mesma ordem tradicional não esteja operante no momento festivo, sim, ela está lá, mas de um modo menos coercitivo, no qual se torna possível essa atividade lúdica. Para exemplificar, o autor cita o Carnaval como uma festa em que se transgride humoristicamente a simples reprodução da ordem social. Mas também podemos encontrar esse mecanismo no âmbito das quadrilhas, em vários aspectos. Um deles é o casamento caipira, no qual os indivíduos representam o matrimônio a partir de diálogos e performances que invertem e satirizam essa instituição tipicamente tradicional abordando assuntos como machismo, sexo pré-nupcial e severidade dos pais.

- f) A preservação pura das tradições não é sempre o melhor recurso popular para se reproduzir e reelaborar sua situação.

A sexta e última refutação de Canclini aborda um assunto polêmico nas ciências sociais: a discussão sobre a conservação da pureza das tradições na modernidade. Para pensarmos essa questão, evocaremos primeiramente a opinião de Anthony Giddens sobre a idéia de tradição, na qual ele chama atenção para as mudanças que se processam nela ao longo da linha do tempo:

A idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. [...] A persistência ao longo do tempo não é a característica chave que define a tradição, ou seu primo mais difuso, o costume. As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições ou costumes, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual do modo como os hábitos o são (Giddens, 2000, p. 51-52).

Perceber que a tradição possui caráter dinâmico é reconhecer que ela é mantida por atores sociais dotados de uma constante mutabilidade. Sendo assim, a tradição não é realmente pura quando ela tem suas características cristalizadas sem que apresente nenhuma alteração com o passar do tempo, pelo contrário, ela só o é pela instauração da coerência entre a tradição e o contexto no qual vive a sociedade. Voltemos então à premissa de Canclini. Pensar a tradição dessa forma que foi explicitada pode, de fato, auxiliar na consolidação de determinadas tradições e manifestações populares, em contrapartida, uma corrente de pensamento mais conservadora sobre tradição insiste na negação da adaptação desta no meio moderno por acharem que isso poderia desvirtuar seu caráter original.

O que está em discussão aqui é se uma manifestação cultural popular precisa ou não se submeter ao arriscado jogo político e midiático dos setores hegemônicos para buscar sua sobrevivência na modernidade. Não temos a pretensão de dar uma resposta definitiva a essa questão, mas nos convém pontuá-la sistematicamente. A incorporação de elementos modernos no folclore fortalece sua integração com uma dada sociedade quando esta fornece os

meios necessários para uma adaptação mais sutil, sem que muitas características originais percam seu espaço. Em outras palavras, quando um determinado grupo folclórico começa a dialogar com o ambiente moderno, as imposições dos setores hegemônicos irão surgir, assim como os mecanismos de adequação. O importante é fazer com que esses mecanismos operem mais no sentido de adequar o moderno ao popular, e não ao contrário. Seria o caso de repensarmos o valor que a tradição popular tem para nossa sociedade, e a partir daí medidas serem adotadas no intuito de que as classes hegemônicas interfiram o mínimo possível na produção cultural dos agentes populares. Parece uma via mais fácil de ser imaginada do que percorrida, mas é possível realizá-la desde que haja uma preocupação verídica com a preservação dos protagonistas das manifestações culturais, assim, dando mais voz a esses agentes, as inevitáveis intervenções modernas serão amortecidas pela ação direta dos mesmos. A ansiedade mercadológica pode vir a influenciar negativamente nesse modo de ação, pois a busca da obtenção de capital tende a dar prioridade a reprodução do popularesco em detrimento a uma postura de manutenção dos traços populares.

De outro modo, temos aqueles que não vêem com bons olhos esse flerte das manifestações culturais com a modernidade, pois, segundo eles, isso acarretaria consequentemente numa desvirtuação irreversível que as transformariam em algo completamente distinto do que eram enquanto isoladas em sua fortaleza de tradição. Ora, decerto grupos folclóricos que entraram nesse jogo já não são mais como antes, como exemplo podemos citar o Maracatu rural, cada vez mais sendo profissionalizado e dotado de performances forçadamente mais elaboradas com a intenção de impressionar os turistas. O que se põe como empecilho nessa forma de pensar é a incerteza da perpetuação dos grupos que tentam manter-se em sua própria redoma, já que, a falta de incentivo, de apreciadores e de reconhecimento podem levar tais grupos ao esquecimento, tendo como destino o cemitério das manifestações culturais, que ficou bem mais movimentado desde a transição para a modernidade.

A quadrilha junina é um patrimônio imaterial que precisa ser cultivado, ela faz parte da nossa cultura popular e deve ser inserida num processo de manutenção ritualística e estética que tenha como principais atores os próprios

agentes populares envolvidos. O governo e os meios de comunicação precisam dessa manifestação enquanto “espetáculo junino”, mas uma interferência excessiva destes pode vir a prejudicar a dinâmica das quadrilhas, que já recebem uma grande influência do contexto moderno. Como já disse, devemos repensar a importância que as manifestações culturais desse tipo têm para nós, com isso em mente poderíamos tomar decisões com o objetivo de conceber um pouco mais de autonomia aos agentes populares para que estes possam atuar sobre os procedimentos de reconfiguração da cultura popular. Para se pensar nessa alternativa não precisamos mergulhar num mar de ufanismos, basta termos consciência da capacidade da cultura popular de encantar, emocionar e trazer o belo para nosso cotidiano açoitado pelo tecnicismo e pela burocracia, assim, a partir daí, sairmos do campo das abstrações e fazermos com que os populares operem pelo popular.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. As Culturas Populares no Capitalismo. Tradução: Cláudio Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GIDDENS, Anthony. O mundo em descontrole. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges - Rio de Janeiro: Record, 2000.

Eliseu Ramos dos Santos, nascido em Aracaju-Sergipe, estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe, pesquisador interessado na cultura popular e nos folguedos nordestinos, sobretudo, a festa junina.